ORLANDO FURIOSO

COLEÇÃO CLÁSSICOS COMENTADOS

Dirigida por João Angelo Oliva Neto
José de Paula Ramos Jr.

Ateliê Editorial

Editor
Plinio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Aurora Bernardini – Beatriz Mugayar Kühl – Gustavo Piqueira – João Angelo Oliva Neto – José de Paula Ramos Jr. – Leopoldo Bernucci – Lincoln Secco – Luís Bueno – Luiz Tatit – Marcelino Freire – Marco Lucchesi – Marcus Vinicius Mazzari – Marisa Midori Deaecto – Paulo Franchetti – Solange Fiúza – Vagner Camilo – Walnice Nogueira Galvão – Wander Melo Miranda

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
Antonio José de Almeida Meirelles

Coordenadora Geral da Universidade
Maria Luiza Moretti

EDITORA UNICAMP

CONSELHO EDITORIAL

Presidente
Edwiges Maria Morato

Alexandre da Silva Simões – Carlos Raul Etulain – Cicero Romão Resende de Araujo – Dirce Djanira Pacheco e Zan – Iara Beleli – Iara Lis Schiavinatto – Marco Aurélio Cremasco – Pedro Cunha de Holanda – Sávio Machado Cavalcante

Ludovico Ariosto

ORLANDO FURIOSO

Tomo II

CANTOS XXIV-XLVI

PEDRO GARCEZ GHIRARDI

Tradução, Notas e Posfácio

Ilustrações

GUSTAVE DORÉ

Edição Bilíngue

Æ
Ateliê Editorial

EDITORA UNICAMP

Copyright © 2023 by Pedro Garcez Ghirardi (Tradução, notas e posfácio)

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, das editoras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ariosto, Ludovico, 1474-1533
Orlando Furioso: Tomo II – Cantos XXIV-XLVI / Ludovico Ariosto; tradução, notas e posfácio Pedro Garcez Ghirardi; ilustrações Gustave Doré. – Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023. – (Coleção Clássicos Comentados)

ISBN 978-65-5580-079-1(Ateliê Editorial)
ISBN 978-85-268-1576-6 (Editora da Unicamp)

Edição bilíngue: italiano/português

1. Ariosto, Ludovico, 1474-1533 2. Ariosto, Ludovico, 1474-1533. Orlando Furiosos – Crítica e interpretação 3. Poesia italiana I. Doré, Gustave. II. Título. III. Título: Orlando Furioso: volume II: Canti XXIV-XLVI V. Série.

23-145482 CDD-851

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura italiana 851

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Direitos em língua portuguesa reservados a

ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 – Cotia – SP – Brasil
Tel.: (11) 4702-5915
facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br
instagram.com/atelie_editorial

EDITORA DA UNICAMP
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421
3º andar | Campus Unicamp
13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel. (19) 3521-7718 / 7728
www.editora.unicamp.br
vendas@editora.unicamp.br

2023

Printed in Brazil
Foi feito o depósito legal

SUMÁRIO

PREFÁCIO – *João Angelo Oliva Neto* 11

ORLANDO FURIOSO

CANTO XXIV 17
Ferocidade de Orlando Furioso – Zerbino, em defesa da honra de Orlando, enfrenta Mandricardo e morre nos braços de Isabel.

CANTO XXV 47
Rogério salva Ricardete que, confundido com a irmã, vivera insólita aventura – Notícia da prisão dos primos de Ricardete – Em carta a Bradamante, Rogério desculpa-se pela demora em se fazer cristão.

CANTO XXVI 73
Libertação dos prisioneiros – As misteriosas esculturas de Merlim – Marfisa, ameaçada, defende-se – A Discórdia, satisfeita, deixa os mouros – Rogério e Marfisa vão a Paris para lutar contra seus opositores.

CANTO XXVII 107
Rodomonte e Mandricardo vão a Paris e unem-se a Rogério e Marfisa – Grande derrota dos cristãos – Miguel pune a Discórdia e exige-lhe voltar aos adversários – Disputas entre os mouros – Marfisa prende o ladrão Brunel – Agramante pede a Doralice que escolha um dos pretendentes – Rodomonte, preterido, deixa o campo.

CANTO XXVIII 145
A novela do hospedeiro – Rodomonte recebe Isabel e o eremita.

CANTO XXIX 173
Isabel engana o sedutor e salva-se, morrendo – Rodomonte faz-se guardião do túmulo, mas Orlando derrota-o e comete loucuras, perseguindo Angélica.

CANTO XXX 191
Orlando, entre loucuras, atravessa o mar – Tríplice desavença no campo mouro – Rogério, ferido, deixa Bradamante à espera.

CANTO XXXI 215
Rinaldo e os seus vão a Paris e Guido Selvagem os acompanha – Flordeliz dá-lhes notícia da loucura de Orlando – Brandimarte quer ajudar Orlando e cai prisioneiro de Rodomonte – Incursão no campo mouro – Agramante foge para Arles.

CANTO XXXII 241
Agramante e os mouros recebem ajuda de Marfisa – Bradamante busca morrer em combate – A comitiva da Ilha Perdida – A Roca de Tristão.

CANTO XXXIII 269
As pinturas misteriosas revelam as invasões da Itália – Peripécias de Bradamante e Rinaldo – Astolfo chega às terras do Preste João e vence as harpias.

CANTO XXXIV. 303
Astolfo no antro dos espíritos ingratos ao amor – A novela de Lídia – No Paraíso Terrestre, o Evangelista João ensina como curar a loucura de Orlando – Viagem à lua em busca do juízo perdido – O palácio das Parcas.

CANTO XXXV 329
Revelações do Evangelista – Flordeliz leva Bradamante a enfrentar Rodomonte – Rogério recebe inesperado desafio.

CANTO XXXVI. 351
Bradamante enfrenta Marfisa e Rogério – Uma revelação os surpreende.

CANTO XXXVII 375
As damas ultrajadas – A tirania de Marganor – Vingança das mulheres.

CANTO XXXVIII. 407
Marfisa anuncia a Carlos Magno que será cristã e servirá ao Império – Astolfo comanda a milagrosa cavalaria núbia – Agramante consulta os capitães sobre as sortes da guerra – Mouros e cristãos louvam-se em dois campeões, Rogério e Rinaldo.

CANTO XXXIX. 429
Melissa toma a figura de Rodomonte e muda o combate – A milagrosa frota de Astolfo – Cura de Orlando Furioso – Agramante sofre ataque ao fugir pelo mar.

CANTO XL. 451
Queda de Biserta – Agramante desafia Orlando – Rogério livra os prisioneiros mouros.

CANTO XLI 473
Naufrágio de Rogério – Malogro do acordo proposto – Prepara-se o desafio entre Agramante, Orlando e seus companheiros – Batismo de Rogério – Trava-se o desafio.

CANTO XLII. 501
Orlando vinga Brandimarte e mata Agramante – Rinaldo luta com o monstro e se desenamora de Angélica.

CANTO XLIII 529
A história do ciumento arrependido – Novela do marido vingativo, pilhado pela mulher em traição que o desarma – Exéquias de Brandimarte e desconsolo de Flordeliz – Orlando e os companheiros encontram Rogério.

CANTO XLIV 581
Rinaldo promete Bradamante a Rogério, sem saber que o pai tratava de lhe dar a mão ao príncipe de Constantinopla – Triunfo de Orlando e companheiros na corte de Carlos Magno – Os pais de Bradamante desautorizam a promessa a Rogério.

CANTO XLV 607
Rogério é salvo da morte por Leão e, grato, passa-se por ele na prova exigida ao pretendente de Bradamante – Vencida a prova, quer matar-se – Marfisa, com apoio de Bradamante, alega que o compromisso desta com Rogério impede as bodas do vencedor – Perplexidade de Carlos Magno.

CANTO XLVI 641
Leão não se deixa vencer pela cortesia de Rogério – Imprevista ameaça às bodas – O desfecho.

"DIANTE DO NU SANDEU": O LADO APOCALÍPTICO DA LOUCURA DE ORLANDO – *Pedro Garcez Ghirardi* 673

NOTAS 681

PREFÁCIO

João Angelo Oliva Neto

Universidade de São Paulo

Dispõe enfim o leitor da tradução integral em versos do poema *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto, feita por Pedro Garcez Ghirardi, publicada em dois tomos na Coleção Clássicos Comentados da Ateliê Editorial. Cabe-me, como diretor da Coleção, o honroso privilégio de prefaciar este segundo tomo. Como costuma ocorrer, privilégios não são isentos de responsabilidade, e, diga-se desde já, não é pequena a que agora assumo, primeiro porque no *Orlando Furioso* Pedro Garcez Ghirardi ao todo traduziu poeticamente nada menos do que 38.576 versos, distribuídos em 4.822 oitavas-rimas por 46 cantos! Porque não soe rude o argumento sempre perigoso da quantidade, lembro ainda que a tradução parcial do poema (*Orlando Furioso – Cantos e Episódios*) publicada pela Ateliê em 2002 recebeu o Prêmio Jabuti de Tradução em 2003, de sorte que estamos aqui diante de um trabalho cuja excelência já é publicamente reconhecida. Pode-se medir quão difícil é um empreendimento admitindo-se a própria incapacidade de realizá-lo, e, se a alma não é pequena, admitam-se também a admiração e a alegria de vê-lo realizado. Assim, testemunho aqui que a quantos se põem a traduzir poesia (no meu caso, poesia grega e latina antiga, que são métricas, mas sem rimas) não é possível deixar de consignar a dificuldade que envolve a tarefa de verter todos aqueles versos em oitavas, ou seja, verter em decassílabos não apenas *métricos*, senão ainda *rimados*. Entenda o leitor que, assim como é monumental a obra original de Ariosto, em correlata e obrigatória medida é também monumental sua versão poética, formalmente análoga e integral! A tradução, sendo, como é evidente, lavor extenso, mostra-se também intenso, conforme relata no Posfácio o próprio tradutor, quando de Ariosto diz que "cada uma de suas oitavas é, em si mesma, uma obra de arte. Nas estrofes, o admirável trabalho das rimas mereceria, por si só, estudo particular. A perfeita construção da *ottava d'oro* foi um dos mais preciosos legados de Ariosto a grandes poetas, dele diferentes em tantos aspectos, como Camões e Tasso". A quem não esteja familiarizado lembro que a *ottava d'oro*, ou oitava-rima, é estrofe de oito versos decassilábicos que apresentam acentos tônicos principais na sexta e na décima sílabas

(decassílabo dito "heroico") ou na quarta, oitava e décima sílabas (decassílabo dito "sáfico"). Ademais, os oito decassílabos da estrofe apresentam dois pares de rimas intercaladas e em seguida um par final de rimas contíguas, perfazendo o esquema ABABCC. Exemplifico com as duas primeiras estrofes do Canto I de *Orlando Furioso*, em que assinalo com negrito os acentos tônicos principais de cada verso:

Damas e pala**dins**, armas e a**mo**res,
As corte**si**as e as fa**ça**nhas **can**to
Do tempo em que o mar d' **Á**frica os ri**go**res
Dos mouros **trou**xe, e **Fran**ça esteve em **pran**to;
Ira os mo**vi**a e juve**nis** fu**ro**res
De Agramante seu **rei**, disposto a **tan**to,
Que ousou vingar a **mor**te de Troi**a**no,
Em Carlos **rei** e impera**dor** ro**ma**no.

De Orlando, ao mesmo **tem**po, direi **eu**
O que nunca se **dis**se, em prosa ou **ri**ma,
Que o amor o pôs em **fú**rias de san**deu**
E lhe ti**rou** de homem cor**da**to a es**ti**ma;
Isto, se a que igual **fim** quase me **deu**
E o pouco en**gen**ho me cor**rói** qual **li**ma,
Assentir em pou**par**-me em **tal** me**di**da,
Que eu possa dar a **o**bra prome**ti**da.

Pois bem, revistos estes aspectos técnicos da oitava-rima, já se compreende quão difícil é compor um poema assim, e como não é fácil assim traduzi-lo, pois que acentos e rimas devem estar no seu exato lugar. Mas aproveitemos o excerto para pensar um pouco no que a oitava-rima produz para a fruição do poema. As sílabas tônicas e as rimas estabelecem o ritmo. As rimas funcionam ademais como que linhas regulares bordadas num grande tecido sonoro, e as estrofes, contendo cada qual uma unidade de sentido, bem entendido, de significado narrativo, ao suceder-se uma após outra, vão construindo a história, dividida em ondas regulares de matéria. Som e ritmo pertencem à esfera do ouvido, o sentido pertence à esfera do pensamento, mas ocorrem simultaneamente. Quem lê o poema pode perceber o fim de cada estrofe, ou seja, o efetivo andar da matéria narrada, pelo maior espaço em branco que há entre elas, mas quem ouve percebe o fim de cada estrofe por causa justamente das rimas contíguas, que arrematam sonoramente o significado de cada unidade que a oitava-rima é. Nesse instante ocorre, digamos assim, a centelha milagrosa da poesia, em que som (ouvido) e sentido (pensamento) já não são apenas simultâneos, mas são uma coisa só. Portanto, se não se puder ouvir alguém recitar o texto – como desde arcanos tempos é o destino da poesia –, a melhor leitura é aquela em que se consiga, mesmo mentalmente, oralizar o poema, ouvi-lo como se alguém no-lo recitasse. É

então, e só então, que se percebe de vez que ele está bem composto, se bem composto ele estiver, como é o caso *desta* tradução em oitavas-rimas vernáculas de *Orlando Furioso* pela mão engenhosa de Pedro Garcez Ghirardi.

O tradutor iniciou-a em meados da década de 1980, e assim já vão mais de 35 anos até que agora a concluísse! Há uma vida, há uma história por trás do trabalho, e a Ateliê orgulha-se de tê-la acompanhado, pois que em 2002 publicava parte dele (*Orlando Furioso – Cantos e Episódios*), que, como disse, logo seria premiada, e em 2004 lançava a segunda edição. Contudo, o tradutor laborava em seu mister, e em 2011 a Ateliê Editorial e a Editora da Unicamp deram a lume *Orlando Furioso – tomo I, Cantos I a XXIII*, quando então o livro foi publicado. Ora, toda história tem seus casos. Mal começara eu a dirigir a Coleção, e Plinio Martins Filho, nosso editor, relatava-me a insistência com que nas redes sociais os leitores que haviam lido o tomo I queriam, ou antes, *exigiam*, o tomo II! Numa época difícil como a nossa, amiúde grosseira, violenta, de pandemia e guerras, de tantas reivindicações e ruidosas exigências, por mais que saibamos que ler os clássicos é mergulhar fundo na própria humanidade, importante esteio diante de tamanha incerteza, não deixa de ser extraordinário exigir que se publique um livro de poesia! E de poesia do século XVI, traduzida em oitava-rima! Não deixa de ser alentador testemunhar tal exigência. É o mesmo que pedir que se termine de contar uma história começada e depois verificar que alguém cumpriu o pedido.

É tal sentimento de completude, de perfeição, que agora, com a publicação de *Orlando Furioso – tomo II, Cantos XXIV a XLVI*, os responsáveis pela Coleção Clássicos Comentados e o tradutor Pedro Garcez Ghirardi compartilham com o público.

São Paulo, março de 2022.

ORLANDO FURIOSO

CANTOS XXIV-XLVI

CANTO XXIV

Ferocidade de Orlando Furioso – Zerbino, em defesa da honra de Orlando, enfrenta Mandricardo e morre nos braços de Isabel.

1 *Chi mette il piè su l'amorosa pania,*
cerchi ritrarlo, e non v'inveschi l'ale;
che non è in somma amor, se non insania,
a giudizio de' savi universale:
e se ben come Orlando ognun non smania,
suo furor mostra a qualch'altro segnale.
E quale è di pazzia segno piú espresso
che, per altri voler, perder se stesso?

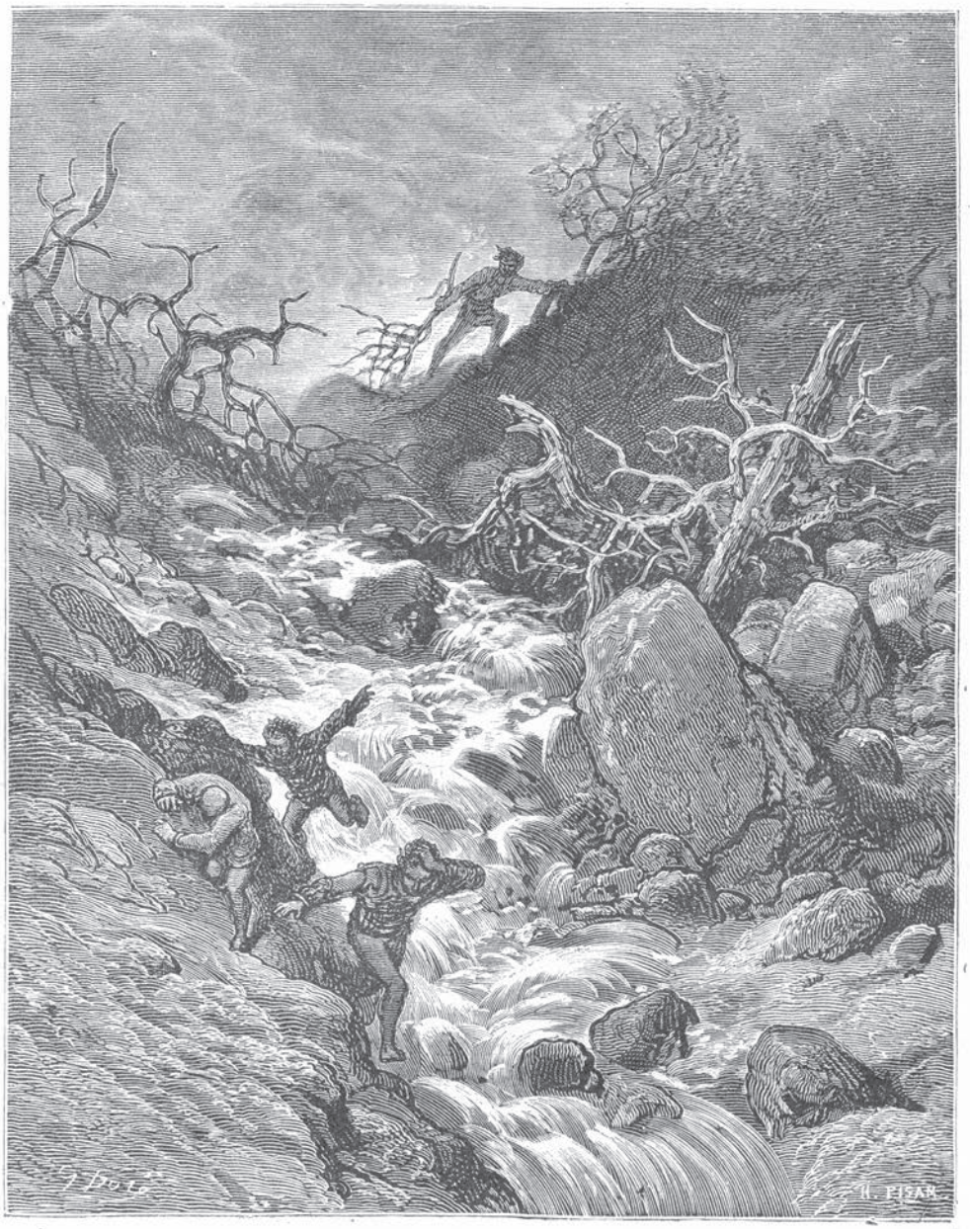
2 *Varii gli effetti son, ma la pazzia*
è tutt'una però, che li fa uscire.
Gli è come una gran selva, ove la via
conviene a forza, a chi vi va, fallire:
chi su, chi giú, chi qua, chi lá travia.
Per concludere in somma, io vi vo' dire:
a chi in amor s'invecchia, oltr' ogni pena,
si convengono i ceppi e la catena.

3 *Ben mi si potria dir: – Frate, tu vai*
l'altrui mostrando, e non vedi il tuo fallo. –
Io vi rispondo che comprendo assai,
or che di mente ho lucido intervallo;
et ho gran cura (e spero farlo ormai)
di riposarmi e d'uscir fuor di ballo:
ma tosto far, come vorrei, nol posso;
che 'l male è penetrato infin all'osso.

1 Quem no visgo amoroso meteu pé,
Não prenda as asas neste lodaçal,
Que Amor é insensatez, nada mais é,
Diz dos sábios sentença universal.
Se há doidos que não são como vê
Orlando, seu furor dá outro sinal:
E que maior sinal de enlouquecer
Que, por amar a alguém, a si perder?

2 Vários efeitos há, mas é a mania
Sempre a mesma que os logra produzir:
É como quem no matagal se enfia
E erra sempre o caminho de sair
Pois quanto mais andar, mais se desvia.
Em resumo, direi, por concluir,
Que pelourinho e tratos bem merece
Aquele que em amores envelhece.

3 Dir-me-ão: – Vês o erro, mano, que outrem faz
Mas o teu, não consegues enxergá-lo. –
Respondo que ando agora bem capaz
De o enxergar, em lúcido intervalo;
Quero ir-me deste baile e espero paz
E sossego, depois de tanto abalo.
Tomara já estar fora, mas não posso,
Que o mal de amor se me pegou ao osso.



Oitava 4

4 *Signor, ne l'altro canto io vi dicea*
che 'l forsennato e furïoso Orlando
trattesi l'arme e sparse al campo avea,
squarciati i panni, via gittato il brando,
svelte le piante, e risonar facea
i cavi sassi e l'alte selve; quando
alcun' pastori al suon trasse in quel lato
lor stella, o qualche lor grave peccato.

4 Senhor, no último canto eu vos dizia,
Que o tresloucado e furioso Orlando
Lançou ao chão as armas que trazia,
Largou a espada, as roupas destroçando;
Arrancou troncos, ressoar fazia
Todas as selvas e cavernas, quando
Pastores acudiram ao ruído,
Por sina ou ruim pecado cometido.

5 *Viste del pazzo l'incredibil prove*
poi piú d'appresso e la possanza estrema,
si voltan per fuggir, ma non sanno ove,
sí come avviene in subitana tema.
Il pazzo dietro lor ratto si muove:
uno ne piglia, e del capo lo scema
con la facilità che torria alcuno
da l'arbor pome, o vago fior dal pruno.

5 O louco a extrema força não esconde:
Faz que em provas incríveis se conheça;
Buscam todos fugir: não sabem aonde,
Como sói quem por medo desfaleça.
Perseguindo-os o louco lhes responde:
A um, que agarra, arranca-lhe a cabeça,
Qual quem colhesse flor mimosa ou fruta,
Com tal facilidade ele o executa.

Oitava 5

Oitava 6

6 *Per una gamba il grave tronco prese,*
e quello usò per mazza adosso al resto:
in terra un paio addormentato stese,
ch'al novissimo dí forse fia desto.
Gli altri sgombraro subito il paese,
ch'ebbono il piede e il buono aviso presto.
Non saria stato il pazzo al seguir lento,
se non ch'era giá volto al loro armento.

6 Por uma perna o corpo morto pega;
Deste uma clava contra os outros fez;
Ao chão vão dois, tal golpe descarrega,
Que ao fim dos tempos se erguerão, talvez.
Deixam os mais o campo da refrega
Que a prontidão os faz correr e os pés.
Rápido o louco já os teria alcançado
Se não houvesse posto olhos no gado.

7 *Gli agricultori, accorti agli altru' esempli,*
lascian nei campi aratri e marre e falci:
chi monta su le case e chi sui templi
(poi che non son sicuri olmi né salci),
onde l'orrenda furia si contempli,
ch'a pugni, ad urti, a morsi, a graffi, a calci,
cavalli e buoi rompe, fraccassa e strugge;
e ben è corridor chi da lui fugge.

7 Deixam os mais arado, enxada, báculo,
Escarmentados co' a desgraça alheia;
Põem-se em beirais, de templos no pináculo
(Fiar-se de olmo ou salgueiro se receia);
A fúria horrenda torna-se espetáculo:
Com dentes, unhas, mãos e pés golpeia,
A lanhar e esmagar cavalo ou boi;
Bem veloz é o que a salvo então se foi.

8 Giá potreste sentir come ribombe
l'alto rumor ne le propinque ville
d'urli e di corni, rusticane trombe,
e piú spesso che d'altro, il suon di squille;
e con spuntoni et archi e spiedi e frombe
veder dai monti sdrucciolarne mille,
et altritanti andar da basso ad alto,
per fare al pazzo un villanesco assalto.

9 Qual venir suol nel salso lito l'onda
mossa da l'austro ch'a principio scherza,
che maggior de la prima è la seconda,
e con piú forza poi segue la terza;
et ogni volta piú l'umore abonda,
e ne l'arena piú stende la sferza:
tal contra Orlando l'empia turba cresce,
che giú da balze scende e di valli esce.

10 Fece morir diece persone e diece,
che senza ordine alcun gli andaro in mano:
e questo chiaro esperimento fece,
ch'era assai piú sicur starne lontano.
Trar sangue da quel corpo a nessun lece,
che lo fere e percuote il ferro invano.
Al conte il re del ciel tal grazia diede,
per porlo a guardia di sua santa fede.

11 Era a periglio di morire Orlando,
se fosse di morir stato capace.
Potea imparar ch'era a gittare il brando,
e poi voler senz' arme essere audace.
La turba giá s'andava ritirando,
vedendo ogni suo colpo uscir fallace.
Orlando, poi che piú nessun l'attende,
verso un borgo di case il camin prende.

12 Dentro non vi trovò piccol né grande,
che 'l borgo ognun per tema avea lasciato.
V'erano in copia povere vivande,
convenienti a un pastorale stato.
Senza il pane discerner da le giande,
dal digiuno e da l'impeto cacciato,
le mani e il dente lasciò andar di botto
in quel che trovò prima, o crudo o cotto.

8 Nas aldeias daqueles arredores
Ouviríeis de búzios campesinos
O ruído crescente dos clamores.
E, muitas vezes mais, a voz dos sinos.
Com arcos, varas, fundas, sachadores,
Víreis ao val descer mil montesinos
E do val outros mil subir ao alto,
Por dar ao louco um sertanejo assalto.

9 Tal como vaga a salsa praia inunda,
(Austro a soprou, talvez por brincadeira)
Que anuncia, mais forte, uma segunda,
E com muito mais força, uma terceira,
Até que o mar transborde e se difunda
Bravio, a fustigar a praia inteira,
Assim dos vales sai, das serras desce
Irada contra Orlando a chusma e cresce.

10 Põe-se Orlando a matá-los, dez a dez,
De cambulhada, como vêm à mão;
A turba logo experiência fez
Que os que estão longe mais seguros vão.
Ninguém o vê sangrar, nenhuma vez:
Forceja o ferro por feri-lo, em vão.
Ao conde o Rei do Céu fez tal mercê,
Para o fazer guardião da santa Fé.

11 Correra risco de morrer Orlando,
Se Orlando de morrer fosse capaz;
Aprenderia o que é enfrentar um bando
Desarmado e largando a espada atrás.
Ia-se a multidão já retirando,
Ao ver que nenhum golpe era eficaz.
Orlando, já que mais ninguém o ofende,
Ir até as casas de uma aldeia empreende.

12 Entra e não acha adulto nem criança,
Que o pavor os havia afugentado.
De víveres achou pobre abastança,
Como convém ao pastoril estado.
Da fome estimulado, a eles avança
Sem distinguir bolota e pão assado.
Com mãos e dentes prontos desjejua,
Na comida que encontra, quente ou crua.

13 E quindi errando per tutto il paese,
dava la caccia e agli uomini e alle fere;
e scorrendo pei boschi, talor prese
i capri isnelli e le damme leggiere.
Spesso con orsi e con cingiai contese,
e con man nude li pose a giacere:
e di lor carne con tutta la spoglia
piú volte il ventre empí con fiera voglia.

13 Depois, a percorrer o casario,
Só de caçar homens e bichos trata.
Por vezes gamo ou cabritinho esguio
Achou também, entrando pela mata.
Urso selvagem, javali bravio,
Das mãos armado, ele amiúde mata.
Toda a carne que dão e até a carcaça
Ao famélico bucho então lhe passa.

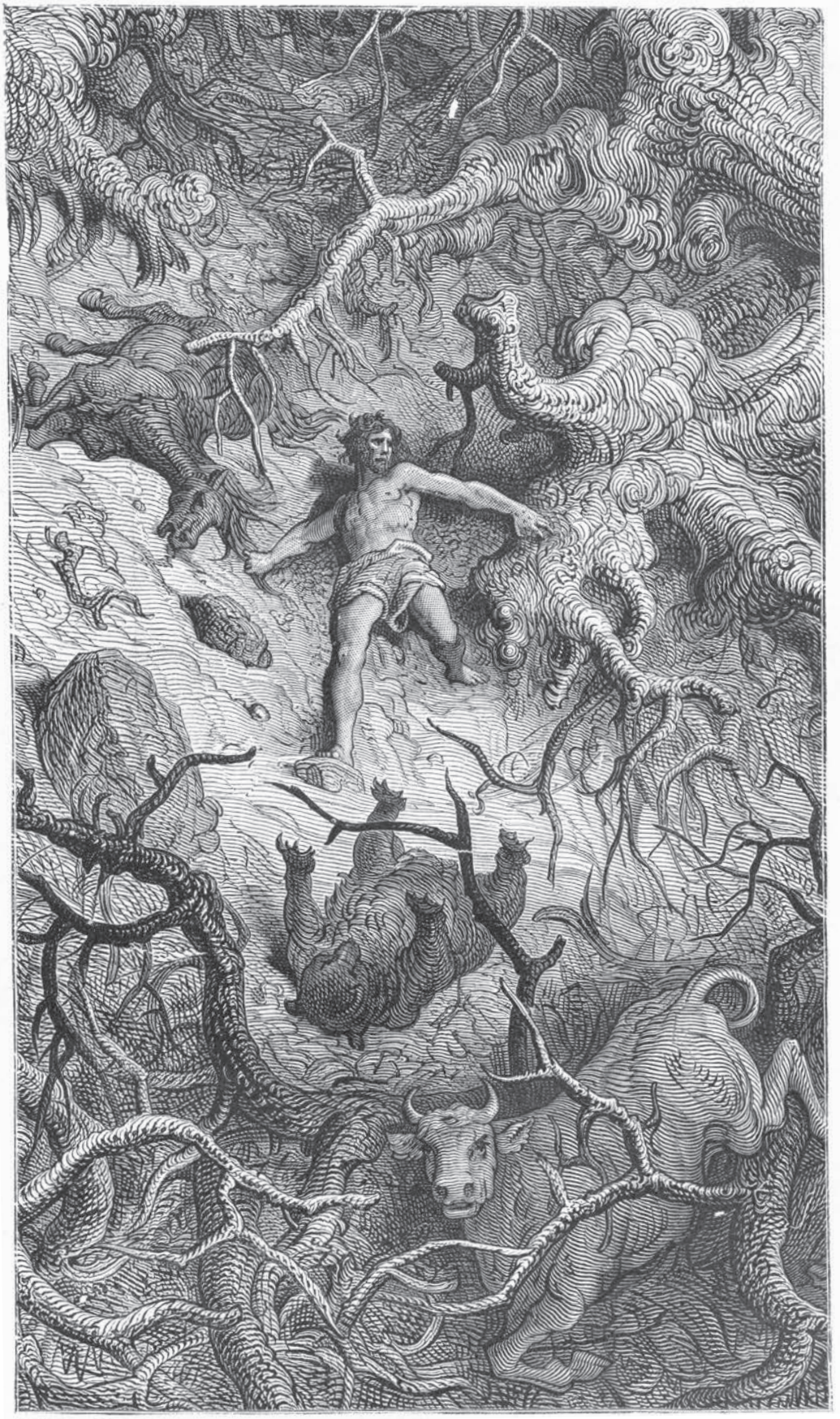
14 Di qua, di lá, di su, di giú discorre
per tutta Francia; e un giorno a un ponte arriva,
sotto cui largo e pieno d'acqua corre
un fiume d'alta e di scoscesa riva.
Edificato accanto avea una torre
che d'ogn'intorno c di lontan scopriva.
Quel che fe' quivi, avete altrove a udire;
che di Zerbin mi convien prima dire.

14 De alto a baixo, de cá e de lá percorre
Toda França, e a uma ponte chega um dia
Sob a qual, largo e caudaloso, corre
Rio, cuja margem íngreme subia.
Edificada ao lado está uma torre
Que, perto ou longe, ao que lá houver espia.
O que lá fez, alhures heis de ouvir,
Que a Zerbino me cabe antes seguir.

15 Zerbin, da poi ch'Orlando fu partito,
dimorò alquanto, e poi prese il sentiero
che' l paladino inanzi gli avea trito,
e mosse a passo lento il suo destriero.
Non credo che duo miglia anco fosse ito,
che trar vide legato un cavalliero
sopra un picciol ronzino, e d'ogni lato
la guardia aver d'un cavalliero armato.

15 Zerbino, havendo Orlando já partido,
Tarda um pouco. Depois, ao Paladim,
Pelo trilho antes deste percorrido,
Devagar cavalgando segue enfim.
Não creio que duas milhas houvesse ido,
Quando vê um cavaleiro, que a um rocim
Estava preso e tinha a cada lado,
A vigiá-lo, um cavaleiro armado.

Oitava 13



Oitava 13

16 Zerbin questo prigion conobbe tosto
che gli fu appresso, e cosí fe' Issabella:
era Odorico il Biscaglin, che posto
fu come lupo a guardia de l'agnella.
L'avea a tutti gli amici suoi preposto
Zerbino in confidargli la donzella,
sperando che la fede che nel resto
sempre avea avuta, avesse ancora in questo.

16 Logo lhe conheceu Zerbino o rosto
Também reconhecido de Isabel:
Era Odorico de Biscaia, posto
Qual lobo a guardar anhos em tropel.
De Zerbino aos amigos foi preposto
Para da amada ser guardião fiel;
Dele que sempre se mostrou leal.
Era esperada aqui virtude igual.

17 Come era a punto quella cosa stata,
venia Issabella raccontando allotta:
come nel palischermo fu salvata,
prima ch'avesse il mar la nave rotta;
la forza che l'avea Odorico usata;
e come tratta poi fosse alla grotta.
Né giunt' era anco al fin di quel sermone,
che trarre il malfattor vider prigione.

17 A contar-lhe este caso na jornada,
Isabel, em minúcias, se demora:
Que ela da nau se vira resgatada,
E, antes que soçobrasse, estava fora.
De Odorico se vira ameaçada,
Mas levam-na a uma gruta, nessa hora.
Nem havia contado o caso inteiro,
Quando o traidor acharam, prisioneiro.

18 I duo ch'in mezzo avean preso Odorico,
d'Issabella notizia ebbeno vera;
e s'avisaro esser di lei l'amico,
e 'l signor lor, colui ch'appresso l'era;
ma piú, che ne lo scudo il segno antico
vider dipinto di sua stirpe altiera:
e trovar poi, che guardar meglio al viso,
che s'era al vero apposto il loro aviso.

18 Os que a Odorico preso têm consigo
A Isabel reconhecem muito bem.
Julgam o senhor de ambos ser o amigo
Que, ao lado dela, a acompanhá-la vem.
Mais se convencem, porque o emblema antigo
De altiva gente em seu escudo Veem.
E cada qual, depois que atento o encara,
Conclui que seu juízo não falhara.

19 Saltaro a piedi, e con aperte braccia
correndo se n'andâr verso Zerbino,
e l'abbracciaro ove il maggior s'abbraccia,
col capo nudo e col ginocchio chino.
Zerbin, guardando l'uno e l'altro in faccia,
vide esser l'un Corebo il Biscaglino,
Almonio l'altro, ch'egli avea mandati
con Odorico in sul navilio armati.

19 Saltam do arção, a abrir um e outro braço
E se põem a correr até Zerbino.
Descobertos, de joelhos, dão-lhe o abraço
Onde o menor abraça ao que é mais dino.
Zerbino, ao contemplá-los mais de espaço,
Vê que ali está Corebo, o biscaíno
E Almônio é o outro, dele designados,
Com Odorico, a ir à nau amados.

20 Almonio disse: – Poi che piace a Dio
(la sua mercé) che sia Issabella teco,
io posso ben comprender, signor mio,
che nulla cosa nuova ora t'arreco,
s'io vo' dir la cagion che questo rio
fa che cosí legato vedi meco;
che da costei, che piú senti l'offesa,
a punto avrai tutta l'istoria intesa.

20 Almônio disse: – Já que aprouve a Deus
(Louvado seja!) que Isabel, Senhor
Esteja incólume, aos cuidados teus,
Sei que de novidades portador
Não serei ao dizer-te por que os meus
Laços estreitam este malfeitor.
Ninguém sofreu, mais que esta dama, a afronta.
Ela de tudo há de ter dado conta.